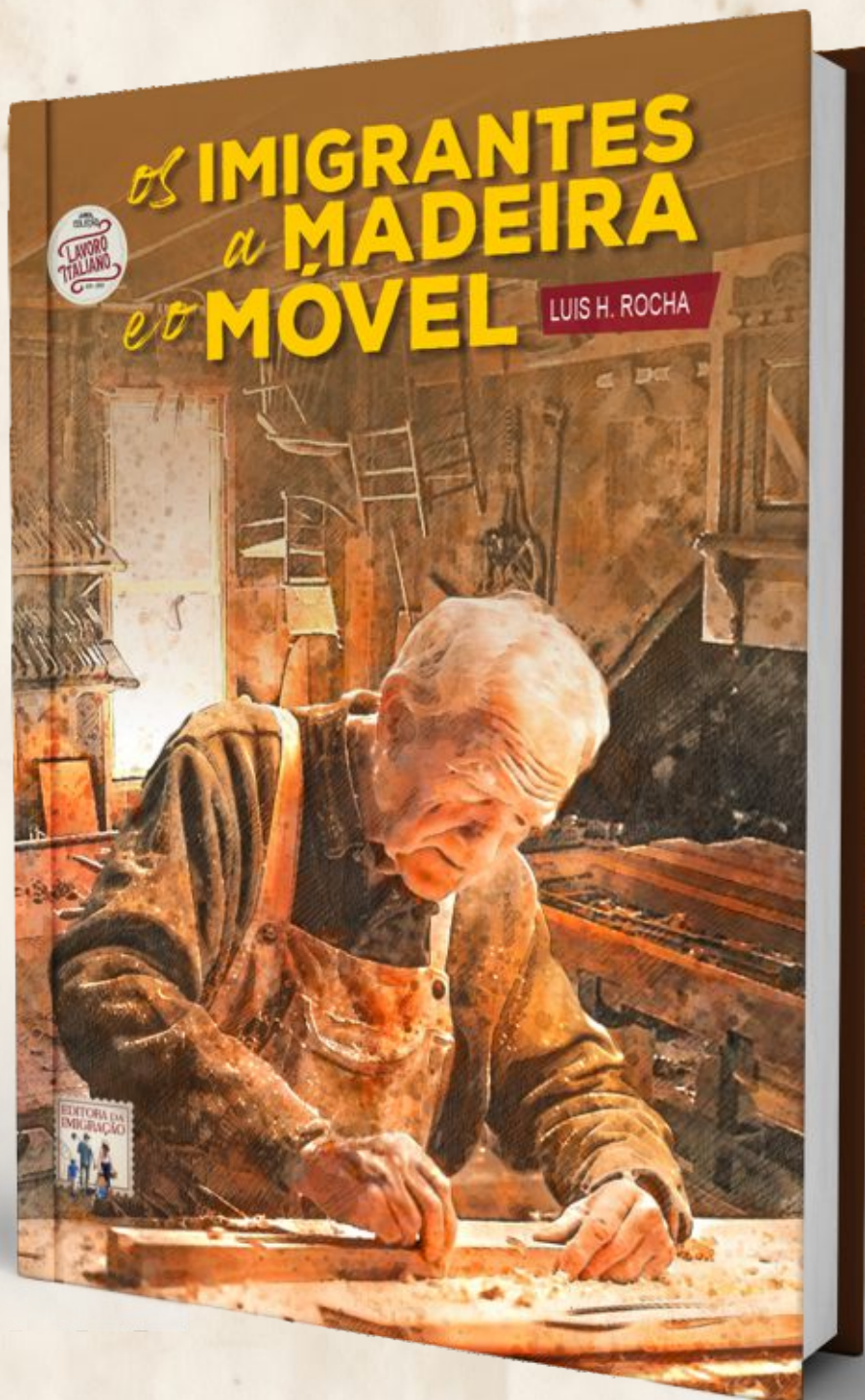




A história  
do trabalho  
vencendo todas  
as dificuldades





# A OBRA E A SUA IMPORTÂNCIA



história da imigração italiana é sobretudo uma jornada de trabalho e superação, e está intimamente ligada a todo o setor moveleiro.

A *Coleção Lavoro Italiano* busca resgatar essa história em uma série de publicações sobre o quanto foi importante a mão de obra do imigrante na construção do progresso, não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil.

Em um texto leve e de fácil entendimento, a trajetória dos empreendedores e o seu legado empresarial é contada, bem como suas dificuldades, que foram sendo superadas pelo trabalho e pela perseverança, com os valores da imigração se multiplicando pelas gerações sucessivas e se espalhando em todo o tecido social brasileiro.



A trilogia *150 Anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, de onde nasceu a ideia da *Coleção Lavoro Italiano*, tornou-se um sucesso editorial. Com 15.000 volumes, compondo 5.000 conjuntos, foi distribuída para bibliotecas de mais de 100 municípios no Rio Grande do Sul. A repercussão da obra foi muito grande no Brasil, na Itália e foi citada até mesmo pela imprensa japonesa.







# OS IMIGRANTES, A MADEIRA E O MÓVEL

**N**a bagagem que os imigrantes trouxeram da Europa havia apenas roupas, alguns utensílios, recordações e muita esperança.

As primeiras peças do mobiliário fabricadas em solo brasileiro eram toscas, feitas a machado e facão, tal qual as moradias de então.

A prática, a evolução das ferramentas e novas técnicas trazidas por outros imigrantes, que chegariam ainda durante meio século, trouxeram a evolução e o aperfeiçoamento da fabricação de móveis.

Mas o começo da produção em escala industrial se daria somente na década de 1920, quando surgiram na Serra Gaúcha as primeiras empresas com produção sob encomenda. Nas três décadas subsequentes, a comercialização de móveis foi ampliada para outras regiões, firmando o estado como um dos maiores produtores do Brasil.

Além do volume *Os Imigrantes, a Madeira e o Móvel*, mais quatro títulos compõem a *Coleção Trabalho Italiano*. Cada volume resgata a história de um setor que o trabalho do imigrante impulsionou fortemente, transformando a economia da região, do estado e do Brasil.



@italianosnobrasil\_editora



italianosnobrasil

[www.italianosnobrasil.com.br](http://www.italianosnobrasil.com.br)





# COMO PARTICIPAR



projeto *Lavoro Italiano – Edição da Madeira e do Móvel* conta com o incentivo da SALIC – Leis de Incentivo à Cultura – e apoio de entidades ligadas ao meio empresarial e à cultura italiana.



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1

ISSN 1677-7042

Nº 165, terça-feira, 29 de agosto de 2023

233085 - OS IMIGRANTES, A MADEIRA E O MÓVEL

LUIS HENRIQUE CASTRO DA ROCHA

CNPJ/CPF: 384.045.400-04

Processo: 01400015679202396

Cidade: Bento Gonçalves - RS;

Valor Aprovado: R\$ 297.816,75

Prazo de Captação: 29/08/2023 à 31/12/2023

Resumo do Projeto: Publicação de um livro denominado OS IMIGRANTES, A MADEIRA E O MÓVEL, com textos e imagens, sobre o contexto histórico cultural dos imigrantes italianos e de seus descendentes, em comemoração aos 150 Anos da Imigração Italiana no RS, enfatiza e destaca as áreas produtivas que contribuíram com o progresso do setor moveleiro no cenário gaúcho e nacional. As narrativas transitam desde o século XIX até os dias atuais. Realização de palestras em escolas públicas, como contrapartida social

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1

ISSN 1677-7042

Nº 9, sexta-feira, 12 de janeiro de 2024

233085 - OS IMIGRANTES, A MADEIRA E O MÓVEL

LUIS HENRIQUE CASTRO DA ROCHA

CNPJ/CPF: 384.045.400-04

Cidade: Bento Gonçalves - RS;

Prazo de Captação: 01/01/2024 à 31/12/2024

## INFORMAÇÕES LEGAIS

PRONAC 233085

Valor total do projeto: R\$ 297.816,75

Valor captado: R\$ 145.000,00

Saldo para captação: R\$ 152.816,75

Banco do Brasil

Agência 0181-3 Conta Corrente: 97.154-5

Contato: Luis H. Rocha 54 9999 3 2405

## PATROCÍNIO MASTER

COTA ÚNICA

## PATROCÍNIO

RANDONCORP

scm  
woodworking technology

CAVALINHO

4ª COTA

A contrapartida aos patrocinadores dentro do projeto prevê o uso da marca na publicação, conforme regras do Ministério da Cultura, até 10 páginas editoriais contando a história da empresa quando inserida no contexto histórico da publicação, uso da marca em todo material publicitário: vídeos, redes sociais, folders, site, banners, sempre conforme as regras do MinC.

## DADOS TÉCNICOS

Capa dura, formato 21x28 fechado, miolo colorido em papel couchê 130 g, 300 páginas

TUDO O PAPEL USADO CONTA COM O SELO DE CERTIFICAÇÃO FSC, QUE GARANTE A PRODUÇÃO RESPONSÁVEL DE PRODUTOS FLORESTAIS.





## DIVULGAÇÃO

O primeiro volume da *Coleção Trabalho Italiano, Os Imigrantes, o Transporte e o Progresso*, alcançou grande visibilidade na mídia do Brasil e no exterior.

O lançamento oficial foi realizado em Bento Gonçalves no dia 29 de agosto de 2023, na Fundação Casa das Artes. Em setembro em Curitiba, PR, e no mês de outubro do mesmo ano o livro foi apresentado a sete províncias da Itália.

Nessa ocasião também foi iniciada a pesquisa para o livro *Os Imigrantes, a Madeira e o Móvel*.



O autor, Luis H. Rocha, mantém nas redes sociais um programa sobre a história da imigração, abordando também o conteúdo dos livros da *Coleção Trabalho Italiano*, assim ampliando e democratizando o acesso ao conteúdo.

APOIO



**CIC**  
CENTRO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS  
BENTO GONÇALVES - RS



**Sindmóveis**  
Bento Gonçalves



**MOVERGS**  
ASSOCIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE MÓVEIS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

**Capital da Cultura**  
PROJETOS CULTURAIS



**CROMO**  
gráfica e editora

**CIC**  
Caxias







Camisano

## In Brasile batte il cuore veneto Un progetto salva la memoria

• Una delegazione del Rio Grande do Sul è stata in paese per presentare tre volumi che raccontano la storia dell'immigrazione

MARCO MARINI

Più di mille pagine che raccontano la storia dell'immigrazione italiana nel Rio Grande do Sul, in Brasile. Un'opera culturale e storica monumentale, portata in



La delegazione del Comitato veneto del Rio Grande do Sul ha fatto tappa a Camisano



*Alla fine l'evoluzione è avvenuta e molte delle più grandi aziende di trasporto brasiliane di oggi hanno avuto origine nelle mani e nel lavoro degli immigrati. Uomini semplici ma laboriosi. (...) Potremmo elencare altri grandi conglomerati imprenditoriali del Rio Grande do Sul, come Marcopolo, uno dei maggiori produttori di autobus al mondo, Randon, produttore di attrezzature stradali, formaggi, vini, un'azienda con quasi ventimila dipendenti. Tutti loro basati sul lavoro di uomini e donne con sangue italiano nelle vene, con i valori dell'immigrazione che guidano le loro giornate, con il sudore che inaffia la terra, con la dedizione che dà la forza per superare ogni difficoltà.*

Luis H. Rocha, na apresentação do livro *Os Imigrantes, o Transporte e o Progresso*, no Palazzo Balbi, em Veneza, Itália – OUT/2023 (foto ao lado)



Alcançou grande repercussão na mídia, em agosto de 2024, o lançamento do livro *O legado de todos os transportadores gaúchos*. A obra foi lançada por ocasião dos 65 anos do Sindicato dos Transportadores de Cargas e Logística do Rio Grande do Sul e reuniu centenas de pessoas do setor.



## Livro destaca o legado dos transportadores gaúchos

Luis Rocha lançou a obra que marca também os 65 anos do Sindicato dos Transportadores de Cargas e Logística do Rio Grande do Sul (SETCERGS).



# A evolução do mobiliário na história

No norte da Escócia, na ilha principal de Orkney, se localiza um assentamento neolítico (décimo milênio a.C.) chamado Skara Brae. Essa povoação, na falta de madeira na área, utilizou placas de pedra para construir suas habitações e seus móveis. Ali foram encontrados roupeiros, prateleiras, arcos e camas produzidas com rochas antes de 2.500 a.C.

Podemos, a partir daí, entender que o mobiliário tem sua origem na necessidade do homem de ter uma habitação para se proteger e viver com a família. Sua trajetória acompanha as necessidades dessas pessoas e sua evolução se dá junto com a história sociopolítica, com a arte e com a cultura. Ela tem seu ritmo determinado pelo avanço da técnica, pela diversidade de materiais disponíveis — no meio ou pela evolução industrial — e pela busca permanente do homem pelo conforto, modernidade e beleza.

Com exceção dos móveis de pedra de Skara Brae, não existem outros registros da presença do mobiliário em civilizações mais antigas.

O Egito passa a ser o ponto de partida da história do móvel pela abundância de registros através da pintura mural e baixo-relevo. Nas paredes dos templos e tumbas é possível

reconhecer que, desde as primeiras dinastias, os egípcios já conviviam com a cadeira, o banco, a mesa e a arca, tudo muito semelhante ao que ainda hoje é usado no nosso dia a dia.

A mobília podia ser de uso em cerimônias ou simplesmente utilitária. A primeira era associada à religião e a simbolismos como o poder — os tronos são um exemplo disso. Estes eram ricamente decorados, revestidos de ouro e prata, pedras preciosas, ébano, marfim, vidro e cerâmica. Já a mobília utilitária era usada no dia a dia, despojada de sinais de luxo ou qualquer acabamento mais elaborado. Os móveis presentes nas casas eram poucos, a prioridade na sua construção era a qualidade e o conforto e, em sua diversidade, tinham inúmeras semelhanças com os atuais. As cadeiras tinham pernas em madeira, muitas vezes imitando patas de animais, o assento em couro ou fibras vegetais, e as almofadas revestidas com tecidos finos ou linho.

As camas tinham formato retangular, muitas vezes com a cabeceira mais elevada do que os pés. Estes, assim como nas cadeiras, tinham entalhes em forma de patas de animais como touros e leões que se misturavam a arranjos florais. Curiosamente, a parte da cabeceira não



As cadeiras na sociedade egípcia, mesmo as mais comuns, eram usadas pela elite. As de uso cerimonial, como os tronos, eram cobertas de ouro e decoradas artisticamente.

Trono do faraó Teti (c. 1364 a.C. – 1323 a.C.) feito de madeira, revestido de folha de ouro, prata, jóias e pedras preciosas e vidro colorido. Foto: reprodução, autor desconhecido.



Skara Brae, os móveis de pedra de 2.500 a.C. Foto: Jim Richardson.



Cadeira de Hathor, Museu do Egito, Cairo. Foto: Jon Radsworth.

ter nenhuma decoração como é o costume ocidental. Eram camas estreitas, para uma pessoa, visto que os casais não dormiam juntos.

As cadeiras conferiam um status a quem as possuía, eram um símbolo de luxo apreciado apenas pela elite. Enquanto camponeses e agricultores poderiam sentar-se em bancos, os egípcios ricos ou da nobreza tinham cadeiras com costas e braços.

A tradição de enterrar os mortos com seus objetos pessoais nos possibilitou uma visão mais aguçada do mobiliário na sociedade egípcia.

Muitos móveis foram encontrados em tumbas, sejam elas da realeza ou das classes mais abastadas, como a do arquiteto real Kha e sua esposa Merit (cerca de 1539–1292 a.C.), onde havia mais de 500 objetos de mobiliário, utensílios de trabalho e pessoais. Mais antigos ainda (2650–2195 a.C.) são as cadeiras, cama, um encosto de cabeça e um baldaquino



Pinturas registrando o Tumbado de Kha e Merit, do Museu de Egiptologia et de la Méditerranée (1875–1885) de Jean-François Champollion (1790–1832). Original do B.M. da Biblioteca Pública de Nova Iorque. Imagem: reprodução.



Estas peças de mobiliário foram reunidas a partir de fragmentos, alguns dos quais podem ter vindo da ilha Imperial de Lido-Veneza (compreender, 361–169 a.C.), na Via Caccia, nos arredores de Roma. Não é certo que os painéis quadrados de vidro sejam originais da estrutura da cama e do banco, mas as inscrições de vidro esculpido são parecidas a outros sítios romanos. Nos painéis do sofá há restos de cadeiras, cadeiras e chás de café. Respostas semelhantes, o todo jovem trono que foi esculpido por Cato — de farol de água — para servir como um semelhança, na escala há vasos de copéis, abacos e gargalos, a nos, lances da estrutura da cama, as inscrições: pedras de Lido-Veneza, inscrições: Lido-Veneza. Foto: source de Metropolitan Museum of Art.



reposavam sobre as cadeiras.

As camas, chamadas de alto leito ou *klinai*, eram usadas para as refeições. Elas tinham a função de recliná-las, repousar e permitiam que as pessoas se alimentassem recostadas. Eram produzidas em madeira, bronze e até mesmo inteiramente em mármore, por vezes eram decoradas com metais e pedras preciosas.

Ao seu lado eram dispostas mesas de três pernas, peças muito populares, frequentemente produzidas em bronze, ouro ou prata. Elas serviam de apoio para colocar os alimentos e taças de bebida durante as refeições. Embora os gregos tenham usado mais as mesas do que os egípcios, ainda não faziam uso da grande mesa de jantar.

## A ERA ROMANA

No período da República Romana (509 a.C. – 27 a.C.) o mobiliário que foi herdado dos gregos começou a se distinguir pela monumentalidade. Também ele se divide entre peças de uso comum e aquelas destinadas ao uso cerimonial.

O *lectus* é considerado por muitos como o item mais importante do mobiliário romano. Era usado para descansar, dormir, sentar, comer e socializar com convidados e familiares. Confeccionado em madeira, tinha a cabeceira como apoio para o braço. Com

origem na Grécia, seu uso no mundo romano era permitido, inicialmente, somente para os homens. Alegava-se que era preciso recostar das mulheres e isso não combinava com a posição reclinada. Com o tempo foi liberado o uso também ao sexo feminino, mas aos romanos pobres e os escravos era proibido o uso do *lectus*.

Outro móvel de assento utilizado pelos romanos era a *sella curulis*, um tipo de banco de pernas curvas, usado pelos magistrados. Ele podia ser fechado e transportado facilmente pelos escravos.

As cadeiras geralmente apresentavam encosto curvo, lembrando bastante as gregas, sendo mais pesadas em estrutura e ornamento. Tamboretes e banquinhos em “X” também eram usados.

## O IMPÉRIO BIZANTINO

A cidade de Bizâncio — hoje Istambul — foi fundada por colonos gregos em 658 a.C., com localização estratégica na entrada para o mar Negro. No ano de 330 d.C. o imperador



As cadeiras *curulis*, “*sella curulis*” antigas, foram muito usadas na Roma antiga no século III. Era um tipo de cadeira com pernas curvas e todos que tinham poder. Dito isso, historiador romano, conta que, no início do ano 44 a.C., em direito do século romano a *sella curulis* era usada em todo lugar: como assento de teatro, mas a cadeira era coberta de ouro e prata. Na foto acima, uma peça do acervo do The Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, datada em Bizâncio, na Espanha, por volta de 1480–1500. Feita em madeira de nogal e ébano, parcialmente folheada e incrustada com diferentes madeiras, marfim, esmalte (jasmim) e estanho, forrada com veludo de seda, era original da poltrona. Embora a peça seja delicada, para facilitar o transporte, a sua estrutura em “X” não lhe permitia isso. A forma certamente foi usada para evitar o seu aspecto cerimonial tradicional.



ainda marmore, é do século VII e reapareceu no continente europeu em 1330, na região de Toscana, na cidade de Siena, onde se desenvolveu e alcançou notáveis esplendores.

Existe quem confunda o *marquetaria* com a *marquetaria*. A primeira é uma técnica que usa a montagem de peças recortadas para formar uma figura, podendo ser aplicada inclusive sobre a marquetaria. Essa técnica requer uma variedade de madeiras com tipos e cores diferentes. A cor, a estrutura e a direção das linhas da madeira são o que criam uma peça atraente e única. A *Marquetaria*, por sua vez, usa lâminas de madeira coladas na superfície formando, geralmente, padrões simétricos, imagens ou desenhos.

A Itália vivia um momento privilegiado no terreno das artes já há algum tempo, tanto que quando Carlos VIII (1470-1498) saqueou Nápoles em 1495 – reclamando os alegados direitos do pai, Luís XI –, além das pinturas, tecidos, mobiliário, sequestrou arquitetos, escultores, decoradores e marceneiros. Isso acabou por despertar o interesse da nobreza francesa pelo renascimento italiano, que depois de um começo incipiente acaba por ganhar força no reinado de Francisco I (1494-1547), que transforma a França em um centro cultural. Personalidades como Leonardo da Vinci se juntaram à corte do rei francês e fundaram a famosa *École de Fontainebleau*, onde durante três décadas foi desenvolvido um fascinante e requintado estilo de decoração.

A nobreza francesa maravilhada com o resultado do palácio real, construiu, ampliou e reformou os seus châteaux movimentando o mercado do mobiliário e com isso, fomentando o aperfeiçoamento de técnicas.

Uma delas, a *nojeira* foi amplamente usada, principalmente em nojeira, uma madeira fácil de trabalhar em função da maciez e dos veios mais finos. O designer francês Jacques Androuet du Cerceau (1515-1585) publicou uma coleção de desenhos com talha repleta de ornamentos, ramos de flores e frutos, figuras



O *Boudoir* da Infanta Maria Antônia (1704) em Fontainebleau, França, projetado por Pierre Bressan. Foto reprodução.



O *nojeira* da *École de Fontainebleau* no período renascentista produzida com madeiras duras como o carvalho, embora a construção robusta, enquanto a talha produzida por carpinteiros, a talha, na Itália, com madeiras macias, como a *nojeira* e *Pinheiro-larício*. Foto: Luis H. Rocha, Castello (Or), Moncello, Província de Pádua, Itália.



Alcova, detalhe das pernas torneadas da mesa Luís XIII, no Palácio Real, em Versa. Foto: Luis H. Rocha, 2013.



(Baldacim) Andréa Brustolon (1662-1732) era um escultor e arquiteto móvel, desenhado em talha e barroco. Suas peças e pedras sob o telhado as pernas por esculturas elaboradas. Foto: reprodução W&L.

mitológicas – esfinges, grifos, ninfas –, contribuindo para a popularização do estilo.

Houve muitas transformações neste período e a decoração mudou conceitos e percepção não só na Itália e na França mas em todo o continente europeu. No campo social houve também reflexos, por exemplo, carpinteiros e marceneiros passaram a usufruir de destaque social e a serem reconhecidos pela sua especialidade, tendo assim uma surpreendente ascensão social. Se destacaram na sociedade mais do que pelo dinheiro – o que não bastava em tempos da nobreza onde os laços familiares muito valiam – mas, principalmente, pela sua arte, o que até então era privilégio de músicos, pintores, escultores e arquitetos.

Embora o estilo renascentista tenha predominado por bastante tempo em toda a Europa, o estilo barroco já começava a aparecer na metade do século XVI. O estilo Luís XIII nada mais é que um período de transição entre o renascimento e o barroco, com seus tornados em forma de espiral, de rosário ou baluarte é um estilo que abandona a madeira de carvalho e passa a usar a nojeira ou madeiras de grande valor agregado como o ébano, alia-se a isso a marquetaria e o uso do bronze nos móveis.

Por ser um estilo de transição, o Luís XIII deixa a desejar em originalidade, mas surgiram nesse período móveis como as cômodas, secretárias, canapés (sofá) e medalheiros. Aparecem nesta época também os escabeles e tamboretes, de dimensões mais reduzidas.

## O ESTILO BARROCO E SUA OPUÊNCIA

O termo barroco é usado para descrever todas as manifestações artísticas do século XVII e foi usado de forma depreciativa no início. A expressão pode ter sido derivada da palavra da língua espanhola *barroco* (perla irregular), ou ainda, segundo outras interpretações, do francês, *baroque*, que significa simplesmente irregular. Outra hipótese é a que o termo tenha sido cunhado

## AS ORIGENS AS CASAS NA ITÁLIA E NO BRASIL

# Estruturas de madeira na arquitetura italiana

ARQ. JACQUES POISSON

Em 1893, em obra em língua alemã publicada em Berlim, o austríaco Gustav Bancalari<sup>1</sup> reconheceu a importância da madeira, como material de construção, em todas as áreas do mundo onde houve florestas:

*Toda nação construiu uma vez em madeira, desde que pôde trabalhá-la e até que a possuiu. A construção em madeira é comum a todas as nacionalidades. A passagem da construção em madeira, mais sadia e fácil, para a de pedra, foi causada principalmente pelo rano das florestas, o que não se liga a peculiaridades nacionais nem a condições culturais.*

Além disso, em climas úmidos e frios, a madeira mostrava-se conveniente. Bruno Nici<sup>2</sup> enfatiza que “A construção em madeira tem a vantagem de ser quente, sem umidade nas paredes”.

Também, ainda conforme Gustav Bancalari<sup>3</sup>, “Lê-se em muitos livros que

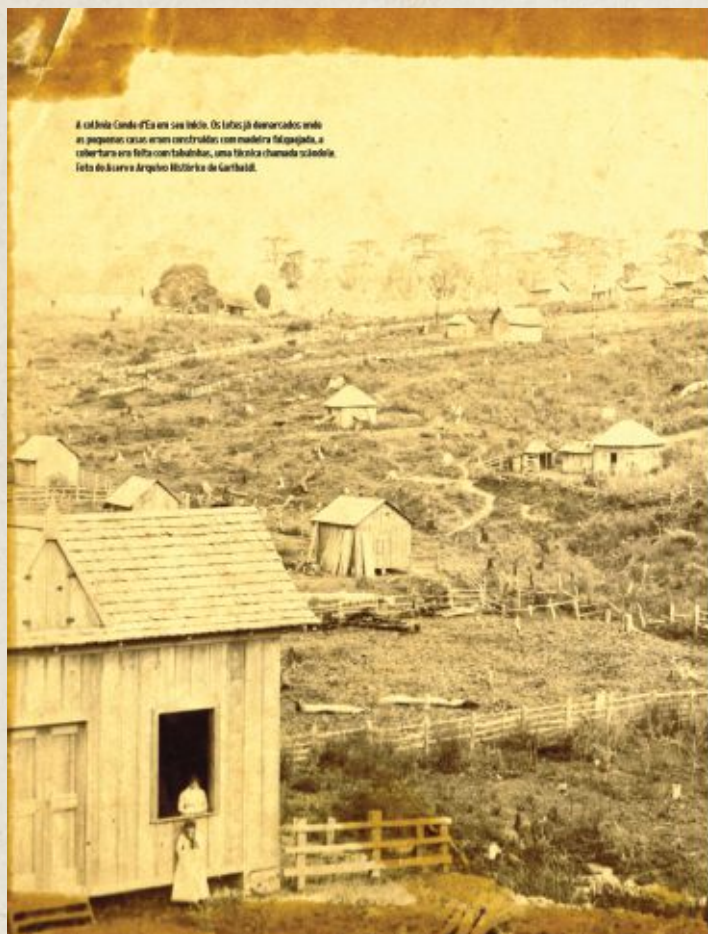
o aquecimento e encase da madeira são invenções etruscas. Dai surgiu o recinto regular, prismático”. Embora o próprio Gustav Bancalari<sup>4</sup> duvide que se possa fazer esta afirmação com segurança, reconhece a importância, entre os antigos romanos, da edificação em madeira:

*A forma mais primitiva de união de blocos de madeira não se encontra ao norte, no coração da selva germânica, mas fora dos confins linguísticos alemães, em meio à área italiana. Entre os romanos, onde havia madeira, houve construções frequentemente colossais com esse material.*

No Norte da Itália, as edificações em madeira localizam-se essencialmente na região alpina, que conta com extensas florestas de coníferas. Já no Brasil, onde os indígenas foram estabelecidos em áreas cobertas por mata virgem, e seus descendentes dirigiram-se a locais com as mesmas características, a

1. BANCALARI, 1893.  
2. NICE, 1940, p. 117 e 125.  
3. NICE, 1940, p. 113.  
4. NICE, 1940, p. 122.  
5. NICE, 1940, p. 113.  
6. (Localidade entre os rios Reno e Trebbia).





A colônia Conde d'Eu em sua infância. Os lufas já desmontados viram as pequenas casas serem construídas com madeira reaproveitada, a cobertura era feita com tabuleiros, uma técnica chamada *colônia*. Foto do Arquivo Histórico de Curitiba.

## A Serra Gaúcha faz do móvel a sua história

Não existe como contar a história do móvel no Rio Grande do Sul sem começar por Bento Gonçalves e região, um dos maiores polos moveleiros do país.

Um fator primordial dessa vocação está abordado nos capítulos *Origens*, que volta séculos na história para buscar a trajetória dos primeiros artesãos da madeira no norte da Itália.

A década de 1870 na Itália é marcada pela unificação, por péssimas relações entre proprietários rurais e trabalhadores, o esgotamento da terra e a consequente crise agrícola, a opressão fiscal, o desmatamento, a política comercial. Todos esses fatores foram elementos essenciais para a imigração, mas nenhum deles foi maior que a miséria e a fome que vivia o povo italiano.

Já o Brasil tinha na mão do imigrante — primeiro dos alemães e a esses suíços, italianos, franceses, austríacos e poloneses — a substituição da mão-de-obra escrava, a ocupação do território, principalmente no caso do Rio Grande do Sul e, embora só seja admitido isso recentemente, o branqueamento da população.

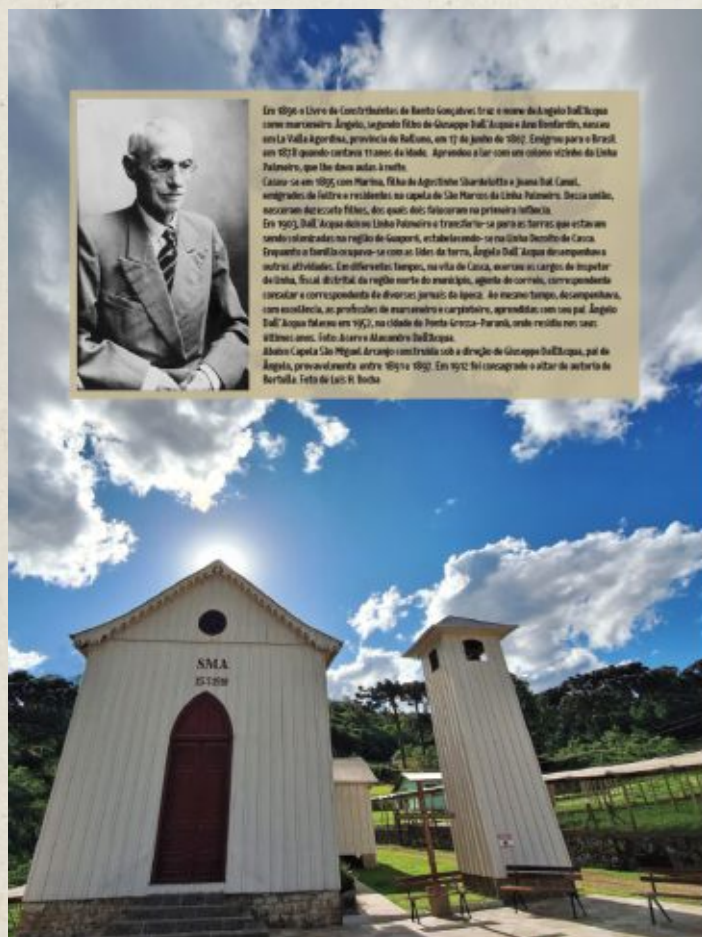
Em 1870, em 24 de maio, João Setúlio, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul criou as colônias Conde d'Eu e Dona Isabel em uma área de 32 léguas (uma légua equivale a cerca de 6,5km) cedida pelo Governo Imperial.

As terras foram demarcadas mas não havia estradas que ligassem as colônias aos centros populacionais e assim a ocupação do território começou efetivamente apenas cinco anos após a criação.

Os primeiros imigrantes que chegaram enfrentaram inúmeras dificuldades, como a falta de comida, médicos, a exploração e o mau tratamento por parte das autoridades.

A Colônia Dona Isabel era uma passagem de tropeiros conhecida como "Cruzinha". Nilton Lorenzon, filho de um marceneiro na Itália e um dos primeiros historiadores na região, narra em *Memórias de um imigrante italiano* que era o nome exatamente como era conhecido a etapa final desse primeiro esquadrão de pioneiros, renovados bandeirantes, e assim chamava-se devido a uma misteriosa cruz cravada sobre o túmulo de um tropeiro, morto naquele lugar, onde, como já citai, costumavam suízar

75



Em 1890 o Livro de Contribuintes de Bento Gonçalves traz o nome de Angelo Dall'Oca como marceneiro. Angelo, segundo filho de Giuseppe Dall'Oca e Ana Bonfatti, nasceu em La Villa Argentina, província de Bolzano, em 17 de junho de 1862. Emigrou para o Brasil em 1882 quando contava 19 anos de idade. Aprendeu a ler com um cônego vizinho da União Palatina, que lhe deu uma Bíblia. Casou-se em 1885, com Maria, filha de Agostino Gianfrancesco e Juana Dal Canal, empregadas de fiação e residentes na capela de São Marcos da União Palatina. Dessa união, nasceram dez filhos, dos quais dois faleceram na primeira infância. Em 1903, Dall'Oca deixou a União Palatina e transferiu-se para as Serras que estavam sendo colonizadas na região de Guaporé, estabelecendo-se na União Desportiva de Casca. Tropeiro e fazendeiro ocupou-se com as lides da terra, Angelo Dall'Oca desenvolveu outras atividades. Em diferentes tempos, na vila de Casca, exercia os cargos de inspetor de fiação, fiscal do tráfico da região norte do município, agente do correio, correspondente circular e correspondente de diários; gerente da loja; do mesmo tempo, de carpinteiro, com sua oficina, no perfilado de marceneiros e carpinteiros, aprendizes com seu pai. Angelo Dall'Oca faleceu em 1957, na cidade de Ponta Grossa-Paraná, onde residia nos seus últimos anos. Foto: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.



Perfilado Dario Pozza, década de 1920, enviado à mesa perfurada por Balestrieri na Prefeitura Municipal. Obra do General Bento Gonçalves fazia parte do conjunto, na década de 1920 foi serrado da mesa e se encontra atualmente no Museu do Imigrante. Foto: perfilado: Divulgação, reprodução: Foto: Arquivo Geral, Camila Netter



A penitência de Paulo Balestrieri se fez presente em móveis, altários, esculpturas sacras e pinturas como a da Igreja Santo Antônio. Essa obra foi descoberta na restauração em 2016, quando foi removida uma camada de tinta bege que cobria os painéis da igreja desde 1964. A representação da Inocência conceitual na tela do novo central, foi criada em 1912. Fotos: reprodução.

Este é o registro existente da primeira fábrica de móveis em Bento Gonçalves.

### PAOLO BALESTRIERI

Nascido em Cremona, na Itália, Paolo Benedetto Luigi Balestrieri (1867-1940) migrou para o Brasil aos 23 anos. Ao deixar sua terra natal já tinha seu talento artístico reconhecido, pois recebeu a Medalha de Bronze da Real Academia Belle Arte de Milão.

Em Bento Gonçalves esculpiu diversas obras sacras que ainda hoje se encontram em igrejas no interior da cidade e trabalhou em móveis de estilo.

O historiador Pedro Koff, falando sobre o trabalho de Balestrieri disse que ele "inovava na madeira com perfeição. Sabia esculpir com talento e engenho. Gravava estatuas e bustos à imagem e semelhança do modelo. Os entalhes e os contornos eram notavelmente harmônicos".

Não existe um inventário das obras de Balestrieri, as mais conhecidas são a porta da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, a mesa do gabinete do prefeito e a pintura recentemente descoberta na nave central da Igreja Santo Antônio.

1882, Pietro veio com a família para o Brasil com três anos de idade.

Aprendeu o ofício com o seu pai, o carpinteiro Antonio Maragno, trabalhou na cidade de Rio Grande, e na capital, em uma fábrica de imigrantes alemães se especializando na fabricação de móveis.

Em 1905, investiu 40 contos de réis e instalou sua oficina na Rua Marechal Deodoro da Fonseca, em frente onde hoje se localiza a prefeitura. Com ele trabalhavam quatro marceneiros e a capacidade anual de produção, segundo anúncio no *Cinquantenario Della Colonizzazione Italiana no Rio Grande del Sul*, de 1925, era de trinta quartos, dez salas e quarenta peças de móveis diversos.



LEGADO EMPRESARIAL ► FLORENSE

# A fábrica modelo que fez escola e revolucionou o design

**A** Florense é uma empresa bem brasileira mas não há como negar as suas raízes italianas.

Fundada em 18 de maio de 1953, em Flores da Cunha, na Serra Gaúcha, pelos marceneiros Lourenço Darcy Castellani e seu cunhado Ângelo Corradi. Além deles, mais sete pessoas compunham o grupo de trabalhadores da fábrica – uma pequena marcenaria instalada em um pavilhão de apenas 200 metros quadrados. As vendas eram feitas para amigos e através de indicações. (Leia mais sobre a fundação na página 232)

Ainda na década de 1950, foi inaugurada uma loja em Caxias do Sul. A marca começava a aparecer e mostrar a qualidade dos produtos a um número maior de clientes.

Nos anos 60, iniciou-se a produção em série, com representantes atendendo o varejo de todo o Brasil e na década seguinte, a empresa se consolidou no mercado. A partir dessa época houve uma maior atenção ao design e à tecnologia, acompanhando as tendências mundiais.

Em uma viagem à Itália em 1971, Lourenço Castellani estabeleceu contato com um

consórcio de fabricantes de máquinas. Sinergia perfeita. Meses depois, os italianos já estavam em Flores da Cunha, firmando o contrato de implantação de uma fábrica completa, com a mais avançada tecnologia existente na época. A primeira unidade automatizada foi inaugurada em 1975 e, desde então, a aposta em design, alta tecnologia e qualificação da mão de obra tem sido decisiva no fortalecimento da marca.

A evolução na qualidade do mobiliário produzido pela empresa exigiu sua complementação também no padrão de serviços – projetos personalizados, medições,

**nrc**

DESIGN BY  
*pininfarina*

Para celebrar os 70 anos da marca a Florense estabeleceu uma parceria com o estúdio de design Pininfarina, um dos maiores do mundo, com sede na Itália. O resultado foi a estreia do design by Pininfarina. Combinando design e tecnologia, inovamos, curvamos e sua cor quente, além da acabamento, conquistaram o público. Funcionalidade como a bar que se revolve na ocasião com um simples toque no botão da base para alocar a direção à parte.



Cadeira 153, premiada na edição 2018 do Good Design Award Chicago. A 153 – lembrando o ano de fundação da empresa, 1953 – foi a primeira cadeira brasileira a conquistar o mais prestigiado prêmio de design do mundo. Criada pelos designers uruguaio Sebastian Bial e brasileiro Seravalle, descrita na Agência, a cadeira foi lançada durante as comemorações dos 65 anos da Florense. Foto: Divulgação

A cultura do *fatto a mano*, mantida desde sua fundação, em 1953, contribui para tornar cada projeto realmente único.



Em 1980 com a aquisição da Vivenda a Barzenski começa a produzir demonteáveis. Foto: Reprodução catálogo. Acervo Família Barzenski.

pontuada por aquisições e inaugurações de novas unidades da Barzenski S/A.

Em 1973 iniciou a fabricação de cozinhas componíveis com a empresa Barzenski Rebeschini & Cia. Ltda. que cinco anos mais tarde seria incorporada pela Barzenski S/A. No mesmo ano assumiu o controle acionário da empresa Portas e Compensados Cedromar Ltda., com unidades em Clevelândia e São José dos Pinhais, no Paraná.

Em 1975 foi construída a primeira fábrica de móveis planejados do Brasil em São José dos Pinhais, PR, e iniciada a produção de cozinhas modulares. Neste mesmo ano, construiu uma nova unidade produtiva em Bento Gonçalves, e iniciou a produção de móveis em pino.

Em 1977 iniciou a construção de uma nova unidade industrial, em São José dos Pinhais, com 13 mil metros quadrados e no ano seguinte inaugurou uma filial na capital de Minas Gerais. Em 1980, nova aquisição em São José dos Pinhais, desta vez foi a Santa Indústria de Móveis de Cozinhas Ltda. Em 1980, foi adquirida a Vivenda e começou a produzir demonteáveis.

A empresa vivia nesse momento o seu auge e empregava cerca de 1800 funcionários, tinha cinco unidades fabris em Bento Gonçalves



Felice Barzenski, em 2009. "Miguel tem a mão na obra fabril". Foi Felice logo no início, com o pensamento que tinha de "vencer na vida". O empresário faleceu em 2015, aos 90 anos de idade. Foto: Reprodução.



Avenida da Bela Glória (sem Larga Sem Interferência) 1977, de Milton Prata, com merchandising da Barzenski, uma das primeiras peças tipo de promoção da marca. Foto: A. Faria. Sem Larga Sem Interferência. Reprodução, Acervo Glória.



As cozinhas componíveis e a cadeira Bar 100, a mais vendida de todos os catálogos da empresa. Foto: Reprodução.



Grandes negócios com J.R. Santos – 53 lojas, Hermes Macedo – 295 lojas, lojas A raposa – 245 lojas, tinham a Barzenski como parceira de negócios. Foto: Reprodução antiga.



Cerimônia de inauguração das novas instalações na Rua Glória, em 30 de maio de 1994, 41 comemorações. A valorização da fundação era parte da filosofia da empresa. "Mito: fomos a primeira empresa a dar o lance da mão e a mão para os funcionários" declarou Felice Barzenski em entrevista. Foto: Parquet. Na foto abaixo estando da Barzenski no dia 30 de 1970. A empresa era presença constante em feiras e eventos.



e três em São José dos Pinhais. Fabricavam móveis para residências, escritórios, gabinetes médicos, botéis, etc. A capacidade de produção era de 17 cadeiras por minuto.

A área comercial, aliada ao espírito visionário de Felice, também foi responsável pelo sucesso da empresa. Na década de 1970, os representantes da empresa usavam miniaturas de kits de cozinha para que os clientes visualizassem a montagem dos móveis. Segundo alguns integrantes da cadeia moveleira, dessa técnica de venda surgiu a ideia do móvel modular, que se consolidou no mercado a partir da década de 1980.

Mesmo com tanto sucesso e forte ascensão, os problemas econômicos da década de 80 e algumas deficiências na gestão administrativa da empresa, aliada a queda nas vendas, afetaram negativamente os negócios.

Em maio de 1982, apenas alguns meses depois de receber o título de Mérito Industrial do Rio Grande do Sul, concedido pela FIERGS, Felice vendeu a empresa para um grupo de investidores e se retirou do ramo moveleiro.

A falência da empresa foi decretada apenas três anos depois da sua saída da empresa. Em entrevista, algum tempo depois ele declarou: "Na hora foi um choque, mas depois passou. Não era mais minha, vendemos tudo e o nome foi junto".

Resumindo sua trajetória, na mesma entrevista, disse que "Foi um sucesso. Partiu do zero. Eu era mecânico de automóvel, acabei montando uma cromagem de automóveis e inventei umas cadeiras tubulares para trabalhar nas horas ociosas. Comecei a entortar manualmente as tubos e começou a vender, vender, e tive que ampliar".

Sobre o segredo do sucesso de uma empresa, na sua simplicidade, Felice resumiu com a história da sua vida: "É trabalhar, trabalhar, não desanimar, acreditar no que faz, ter persistência".





## OUTRAS OBRAS DO AUTOR



O autor e idealizador da *Coleção Trabalho Italiano*, Luis H. Rocha, é um dos organizadores da trilogia *150 Anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*. Com 1.200 páginas e 15.000 volumes impressos, a obra foi considerada a mais importante sobre a imigração italiana já editada em todo o país.



O primeiro volume da *Coleção Trabalho Italiano*, intitulado *Os Imigrantes, o Transporte e o Progresso*, foi lançado em sete províncias da Itália em outubro de 2023.



Lançou, em agosto de 2024, o livro sobre os transportadores gaúchos e seus 65 anos de história em favor do transporte e da sociedade riograndense.



Escreveu o livro – publicado em três idiomas – sobre a história dos 20 Anos da Câmara Internacional da Indústria do Transporte – CIT, que foi lançado em abril de 2023 em Nova Iorque, na sede da Organização das Nações Unidas – ONU.

Trabalha atualmente na pesquisa e produção dos textos para o Memorial do Transporte de Cargas do Brasil, projeto da Randoncorp, e está finalizando a redação do livro *Os Imigrantes, a Madeira e o Móvel*.

Em outubro de 2024 lançou *O beato que morreu na porta do céu*, seu primeiro romance, que mistura ficção com fatos históricos ocorridos no Rio Grande do Sul do final do século XIX até os anos 1970.



## CONTATOS

LUIS H. ROCHA – 54 9999 3 2405  
luishrochaescritor@gmail.com

CÉSAR ROSA – 41 99973 9144  
cesar@italianosnobrasil.com.br

ANTÔNIO FELDMANN – 54 9964 2 0015  
arftoninho@gmail.com



Rua Marechal Floriano 121 - Sala 28  
Centro - Bento Gonçalves